



O TEMPLO DE THESEU.

Este templo, havido por um dos mais formosos do paganismo, é hoje o que se acha em melhor conservação entre todos os antigos monumentos de Athenas, ficando na parte noroeste da cidade e perto da porta por onde se sabia para Eleusis. Na veneração dos povos era equiparado ao soberbo Parthenon, e gozava o foro de inviolavel asylo, onde com especialidade os escravos fugidos buscavam refugio; o seu recinto sacro era tão amplo que por vezes serviu de local das assembleas militares, como se lê em Thucydides. Ao presente acha-se convertido em templo christão, tendo por orago S. Jorge. É todo construido de marmore pentelico, e assenta em chão plano, arrazado por industria humana, e calçado de grandes lagens quadrangulares. Tem um periplo de columnas, seis em cada frente, e treze em cada lado, vindo a ser ao todo trinta e quatro as que o rodeiam; a sua architectura pertence á ordem dorica. A entrada principal era a da parte do nascente, o que se prova decisivamente pelas esculpturas, que o aformoseam, cujos baixos relevos representam as proezas de Theseu e daquelle Hercules, seu companheiro e amigo.

Mr. de Lamartine [na sua viagem á Grecia e Levante] depois de dizer que «este templo, abaixo do Parthenon, é segundo a sciencia o mais formoso que a Grecia levantou a seus numes ou a seus heroes» prosegue declarando que ao chegar ao pé, e estando pela leitura prevenido da belleza do monumento admirou-se de se sentir sem entusiasmo, nem profunda admiração, experimentando somente o effeito que produz uma obra sem defeitos, isto é, um prazer negativo: e logo abaixo acrescenta — «Só tive um momento d'extase, e foi quando, sentado no angulo occidental do edificio, nos degraus ultimos, a minha vista abrangeu simultaneamente, a par da magnifica harmonia das fórmas do templo e da elegancia magestosa de suas columnas, o espaço despejado e mais sombrio do portico, e no friso interior os admiraveis baixos-relevos dos combates dos Centauros e Lapithas; e acima, pela abertura do centro, o céu azul e resplandecente, derramando a sua claridade mystica e serena pelas cornijas e pelas fórmas salientes das figuras dos baixos-relevos, que então parecia terem vida e moverem-se.»

OUTUBRO 19 — 1844.

ESTUDOS MORAES.

II.

O parochó d'aldeia.

(Continuado de pag. 292.)

QUANDO Bartholomeu ia entrando no adro viu um taful e uma senhora que á porta da igreja forcejavam para romper a pinha de povo, que a obstruia. Vistos assim pelas costas pareciam pessoas de conta. Trajava ella um vestido de seda preta, um grande schall vermelho e um chapéu franzido á ingleza cór de caffè: elle calça e casaca preta da moda e chapéu de castor fino, posto que já amarrotado pelos apertões da saloiada, que, fingindo quererem abrir caminho ao elegante par, cada vez se uniam mais olhando uns para os outros com aquelle sorriso de socapa e malevolo que é peculiar dos camponios quando colhem algum individuo, cujo porte e apparencia os humilha, para victima das suas graças e perrarias um pouco abrutadas.

O moleiro tinha nascido naquelles sitios, nunca dormira uma noite fóra do lugar, lidava com muita gente em consequencia do seu tráfego, ia-lhe já a neve pela serra, e por isso conhecia perfeitamente os habitos, propensões e manhas dos seus patricios. Percebeu logo que os saloios estavam de embirração com as duas personagens cortesans, e desenganou-se de todo vendo vir do lado da igreja um dos moços do Agostinho da tenda, que fingindo-se bebado e cambaleando dizia: «cresça o monte, rapazes; cresça o monte!»

O magnetismo animal é um mysterio ainda: a extensão das affinidades magneticas ninguem a póde marcar. De homem para homem ellas são incontestaveis, mas porventura vão mais longe. Ao menos eu creio que os calções, a casaca e o chapéu armado do moleiro actuavam fortemente no seu espirito por influencia occulta. Sentia no coração uma especie de coegas aristocraticas; uma vontade de mostrar o que podia e valia aos nobres hospedes da sua terra, que pertendendo assistir á festa se collocavam naturalmente debaixo da sua protecção como festeiro.

2.ª SERIE — VOL. III.

Era esta uma idéa que não lhe viria á cabeça quando trajava os seus calções enfarinhados, o seu colete assertoado, a sua jaqueta de saragoça. Mas veio-lhe então — mysteriosa, irreflectida, forçosa, posto que sem quebra da liberdade de a regeitar, semelhante, se a comparação fosse licita, á graça efficaz. Approximou-se, pois, abrindo passagem por entre a turbamulta. O primeiro individuo com quem topou em cheio foi com Gabriel, que tendo sahido do campanario tratava tambem de penetrar na igreja para ajustar contas com o sacristão logo que se lhe offerecesse ensejo. Para aproveitar o tempo, Gabriel, informado do que se passava, ia ajudando a augmentar o apertão que crescia cada vez mais, de modo que a dama do schall e o dandy de preto entallados junto do guardavento nem podiam recuar nem surdir avante. Apesar, porem, da pequenez do seu corpo, Gabriel parecia ter d'olho as duas victimas, como receoso de que voltando a cabeça o lobrigassem. Careteava, ria, empurrava com alma, mas de instante a instante punha-se nos bicos dos pés, espreitava por cima dos hombros e por entre as cabeças dos visinhos, agachava-se ao menor movimento que via fazer aos dois, tornava a empurrar, e nesta lida o garoto renovava incansavel em novo combate as façanhas que havia pouco practicára no sempre memorando repique.

«Mariola! — rosnuo colerico o moleiro por entre os dentes cerrados, ao chegar ao apertão e agarrando de subito as orelhas de Gabriel, que, com uma cara onde assomava o choro, encolhia a cabeça entre os hombros, mal comparado como um caracol quando lhe puxam os tentaculos. Não tanto pela voz como pelo contacto das mãos assaz conhecidas daquellas pobres orelhas, Gabriel sentira o patrão. Era, todavia, já tarde.

«Mariola! — repetiu Bartholomeu com o mesmo grito mal sopeado de colera. E ouviu-se o tinir duvidoso de uma fivela acompanhado de um som baço, como quem dissera o do bico de um sapato grosso batendo sobre uma pouca de bombazina estofada de certa porção convexa de carne humana. Gabriel descreveu com o corpo um arco, mas no sentido inverso ao de quem faz cortezia profunda. E começou a soluçar.

«Mariola! — accrescentou ainda outra vez o moleiro com aquelle fatal rugido, que significava o seu profundo despeito. Ao dicto seguiu-se rapidamente o feito. Largou as orelhas do rapaz: recuou o braço, cerrou o punho, e desfechou-lhe tal murro no toutiço que Gabriel foi ao chão.

A principio uma certa contemplação com a idade, character, e mais que tudo com a fama de riqueza de que Bartholomeu gozava, conteve os murmúrios dos poucos a quem as diligencias communs para penetrar na igreja, haviam consentido attender ao duro castigo que convertêra Gabriel n'um como bode emissario dos peccados de muitos. Quando, porem, o mesquinho rapaz cahiu em terra, a indignação dos seus co-reus rebentou. O moço do Agostinho, posto que a medo, alevantou a antiphona.

«Tamem é bater á bruta! Agora, a prove creança fez-lhe algum mal?! — Vá bater assim no diabo. Olha não matasse aquelles milordens!»

«Entre, só doutor! — atalhou Bartholomeu atirando umas escorralhas de pontapé que ainda lhe titilavam nos tendões da perna direita ao limite inferior das vertebrae de Gabriel, já que não podia sem risco applicá-las ao orador. Essa fôra toda a sua primeira inspiração.

«Ai, é pra isto que uma mãe cria um filho! coitadinho! — já não tens pae!. Não foras tu orfo e prove. Mas cal-te boca. A gente sempre vê coisas!»

Ouvindo estas palavras proferidas por uma voz feminina conhecida, o velho moleiro voltou-se. Era a senhora Perpetua Rosa, que em companhia da ama do prior tinha chegado naquella instante a mata-cavallo, por se haverem ambas entretido a examinar umas meadas que a tia Jeronima dera a curar á lavadeira, e que esta vindo para a festa de caminho lhe fôra entregar. Posto que ligados até certo ponto pelo casamento de seus filhos, a mutua má vontade da lavadeira e do moleiro alimentada por largo tempo, tinha sido como o escalracho, cada anno profundára mais um palmo de raizes. Só havia uma differença, e era que Perpetua Rosa, protegida pelo genro, perdêra pouco a pouco o medo que tomára a Bartholomeu desde aquella historia das saccas, e já se engrifava para elle sem cerimonia. Encontrando-se ás vezes na azenha, nem uma só deixavam de se travar de razões por qualquer palha podre. De resto tractavam-se com apparente cordialidade. Era como a alliança e sympathia actual entre a França e a Inglaterra.

«Pois não, sua lambisgoia! — accudiu o moleiro fazendo-se vermelho. — Acha você muito bonito que meia duzia de patifes estejam judiando com as pessoas que querem entrar na igreja? Com um quartirão de diabos! Quem dá o pão dá o ensino; e este, pelo menos, hei-de eu ensiná-lo! — Rosna p'ra ahi pedaço de bruxa velha: — proseguiu elle vendo que Perpetua Rosa continuava a resmonear, já com acompanhamento de «tem razão tia Perpetua!» — «olha o maluco!» — «se queres ver o villão mette-lhe a vara na mão!» — «é agora o senhor assaluto!» — Emfim era uma tempestade eminente; era a revolta eterna do pobre contra o abastado resfolgando pelo minimo respiradouro. E o sussurro crescia, e Bartholomeu suffocado pela raiva batia o pé, e debalde tentava cuspir por cima daquella quasi-algazarra as pragas, as injurias, as ameaças que lhe faziam maior entupimento na garganta que pão de cevada em goellas de peralvilho dengoso. Vingava-se, é verdade, em servir de couces e cachações o misero Gabriel, que se lhe reboleava aos pés; mas isto não era mais que botar lenha ao forno, e augmentar cada vez mais o tumulto. A hirta mó de saloios ao pé do guardavento tornava-se mais flexivel, ondeava, alargava-se, dissolvia-se, e vinha agglomerar-se de novo em volta de Bartholomeu, curiosos de indagarem o motivo daquella assuada. Fallavam todos a um tempo; já no meio do borbórinho ninguem se entendia; e apesar da colera e da sua habitual firmeza, o moleiro começava a titubear.

Na furia em que estava encendido contra Perpetua Rosa, contra a ama do prior, que tambem tinha desembainhado a lingua em defeza de Gabriel, e contra outras duas velhas do logar que ajudavam a atenuar-lo, Bartholomeu não reparou que o tafal por cuja causa se mettêra naquella nóra, forcejava para chegar ao pé delle. Porfim foi a propria Perpetua que o fez attentar por isso.

«Venha, Manuel, venha cá: olhe a figura que está fazendo seu pae. Forte toirão! — abrenuncio!»

A isto o moleiro alçou os olhos para aquella parte, e viu. . . . Quem havia elle de ver? O seu Manuel que, com effeito, rompia por entre a turba approximando-se seguido de Bernardina, que lá de longe fazia esgares e visagens á senhora Perpetua

Rosa e a tia Jeronima para que se calassem. Os dois tafues, os dois *milordens*, os dois fidalgos por quem Bartholomeu affrontava as iras populares, eram nem mais nem menos que seu filho e sua nora. Ficou parvo. O luxo dos dois noivos fez-lhe esquecer Gabriel, as velhas, as injurias, — tudo. Como o corpo electrizado pelo contacto da resina, que é repellido chegando-o de novo a ella, e desembesta para o vidro se lh'o approximam, a sanbuda indignação do moleiro nordesteou para as novas victimas. Cingiu involuntariamente as algibeiras com as mãos; porque cada uma dellas se lhe figurou convertida n'um repuxo de cruzados novos, que descrevendo uma curva parabolica, iam cahir nos balcões dos arruamentos de Lisboa. Depois ficando os punhos cerrados nos vazios, e meneando a cabeça de um para o outro lado, poder-se-hia comparar ao oceano nos momentos que precedem a tempestade, quando as vagas já profundamente revoltas ainda se não encrespam em carneiradas, mas banzam como somnolentas espertando-se para o combate.

Passa a França pela terra classica da galantaria: parece que o bello-sexo tem alli o seu throno. Nesse ponto cêdem a palma aos francezes os outros povos. Dizem-no todos; mas eu digo que não. Vence-os esta namorada terra de Portugal. Os nossos affectos serão menos ruidosos, menos rendidos; são porem mais ardentes e duradouros. Se as phrases de uma lingua podem muitas vezes servir para revelar o character, os costumes e até a historia da nação que a falla, a nossa lingua e a franceza nos offerecem argumento da existencia dessa superioridade do coração, pela qual eu ponho, não digo a cabeça, mas quasi. E senão, respondam-me. Que incendio seria maior, aquelle que precisasse d'um anno para amortecer e extinguir-se, ou o que durasse apenas um mez? Indubitavelmente o primeiro. Bellamente. Venhamos agora á hypothese. O matrimonio é de sua natureza resfriativo: a paixão mais violenta acalma, entibia-se, entisica, e morre com o trato domestico; e feliz se pôde chamar a união em que a amizade e a estima vem substituir os sonhos e delirios de um amor já saciado. Ha, todavia, um periodo em que, apesar de satisfeito, elle resiste ainda: é durante o lento desabar das illusões que vão cahindo peça a peça. Nesse periodo ainda aos casados cabe o nome poetico de amantes: depois é que se chamam a cousa mais prosaica e positiva que se conhece no mundo; chamam-se marido e mulher.

Esta epocha transitoria tem a sua formula diversa segundo as diversas linguas. Exprime-a em francez a phrase *lua de mel*: o portuguez diz: *anno de noivos*. É claro que em Portugal resiste o amor ao matrimonio dôze vezes mais que em França. Lá um mez; cá um anno. Fiquem as raparigas de aviso: nada de amores com estrangeiros. Se em França n'um mez colhem todo o fructo da victoria, que será por essas terras de Christo mais geladas e nevontas? Eu, por mim, façam lá o que quizerem. Lavo dahi minhas mãos.

Bernardina, essa é que a dera em cheio casando com o Manuel da Ventosa. Aos quatro mezes de noivo era ainda um baboso por ella. No principio de julho ajustára contas com os freguezes da azenha, e recebêra algumas moedas: a festa da aldeia estava proxima: Bernardina morria portafularia; o moço moleiro tambem não lhe era avesso. Tinham o vicio instinctivo da gente moça — vicio legitimo, se em vicios pôde dar-se legitimidade. Duas forças

arrastavam, pois, o pobre Manuel da Ventosa: o amor, e a propria inclinação. D. Thomazia, irmã do mestre eschola da aldeia, [se Deus me der vida e saude ainda talvez um dia conte a historia do digno professor] vivêra na côrte muitos annos com o sabio mano. Nisto de modas fallava que nem um livro. Quando ia por acaso a Lisboa nunca deixava de visitar duas ou tres modistas suas conhecidas, de maneira que, por assim dizer, andava sempre ao par da sciencia. Foi lá, n'um aposento interior, no sancta sanctorum da residencia magistral, que se traçou, discutiu, e resolveu a conspiração que devia baralhar os calculos de Bartholomeu sobre as maquinas da azenha naquelle semestre. Seis moedas foram alli barbaramente espatifadas. Foi um orçamento perfeito: talhou-se por cima da risca do necessario, e gastou-se: gastou-se dahi a poucos dias até o ultimo real, já se sabe, com severissimas economias, ficando-se devendo apenas uns tres mil e seiscentos a D. Margarida, famosa modista daquelle tempo. A campanha fez-se do modo seguinte: Manuel da Ventosa acompanhou D. Thomazia a Lisboa, para umas compras de certos arranjos domesticos de que ella dizia muito carecer. Os arranjos eram os da fatal conspiração contra o velho Bartholomeu. Os trances d'esperança e de receio do bom ou máu desempenho de D. Thomazia, por que passou Bernardina em quanto os dois não voltaram, não cabe no possivel narra-los. Apesar disso, a elegancia com que se imaginava trajada e o seu homem, namorava-a de si mesma e dobradamente delle. Chegava a ter ciumes das olhaduras que deitariam ao Manuel as outras raparigas, sem que por isso deixasse de admittir com certa complacencia innocente a idéa do quanto a haviam de achar attractiva os rapazes da aldeia. Emfim é aqui o caso de dizer como o poeta ácerca do que se passava no coração da moleira:

Melhor é exp'rimenta-lo que julga-lo;
Mas julgue-o quem não pode exp'rimenta-lo

Voltaram os dois ás trindades. O escholar válido do mestre, que aviava os recados de casa, tinha-os acompanhado. N'um grande sacco de damasco amarello, herdado por D. Thomazia de sua avó materna, e em duas grandes caixas de papelão trazia o rapaz os almejados adornos. Quem diria que o monumental sacco era a boceta de Pandora?! Pois era. Bernardina saltou de contente ao desfardelar aquella feira: estava vestida á moda dos pés até a cabeça, postoque o seu Manuel houvesse cortado para si uma posta de leão. Digo isto, porque apesar de toda a farandulagem feminina que a boa da irmã do professor escolhêra com fino tacto, quatro moedas tinham ficado no Adrião, n'um chapelleiro do rocio e n'um çapateiro ahí proximo, não me lembra em que rua, porque isto já lá vai ha muito tempo, e a historia está sujeita a estas deploraveis lacunas. O caso é que elle pela sua parte, em entregando aquella fatiota, poderia sem grande favor passar por um fidalgo de provincia chegado de tres dias á côrte. Fugia-lhe tudo um és não és do corpo, e tolhia-o, é verdade; mas ficava um mocetão teso; um milordem, como dizia o moço do Agostinho da tenda.

Segredo — segredo profundissimo, semelhante ao da nossa tão celebre conspiração de 1640 contra os castelhanos, da qual só talvez sabia o primeiro ministro de Castella — se guardou na azenha, *olim* de

Ignacio Codeço, ácerca de todas aquellas tafularias. Quantas vezes não se vestiram a casaca e o vestido de seda! — quantas se não pozeram o chapéu de castor e o franzido! que viravoltas se não deram, que visagens se não fizeram diante de um espelho d'espigão com suas cortinas de panninho, que adornava a casa de fóra sobre uma commoda de vinhatico oleado, cujas puxadeiras de metal amarello luziam que nem ouro! Que disputas não houve sobre o abotoar e desabotoar, atacar e desatacar, pôr o chapéu assim, pôr o chapéu assado! — E D. Thomazia, que presidia áquellas conclusões, da alteza da sciencia punha termo á questão com o seu parecer decisivo, magistral, oracular. No grande dia da festa a vaidade daquellas duas creanças satisfeita com a admiração popular, não valeria, não podia valer, o deleite que a antevista gloria desse dia lhes dava em imaginação. Ai, assim são todas as ambições e esperanças humanas! O gozo é sempre o desengano mais ou menos ensosso das fascinações do desejo.

Mas havia uma nuvem negra que entenebreceia o brilho de tão completa felicidade. Era a lembrança do genio de Bartholomeu. Às vezes no meio dos mais festivos commentarios sobre a grande vista que haviam de fazer com as inopinadas secias, a figura do moleiro surgia terrivel, enrugada a testa pela severidade, os olhos-ervilbacas faiscantes de colera, a boca borbulhando pragas, e cortava com o seu vulto ameaçador aquella linda pagina dos sonhos da vida, bem como o pingo de amarellado simonte [perdoe-se o enxovalhado do simile em favor da exacção] que rolando insensível pelo estendido beigo do velho çapateiro, vai cahir sobre o Carlos-Magno aberto em cima dos joelhos, e espalmado sobre as linhas mais interessantes do livro immortal, embacia e mata as chispas de Al-taclara no momento em que ella rompe o arnez de Ferrabraz. E o mestre pára, e assoa-se; mas a interrupção fatal desvanece as illusões dos officiaes ouvintes, e descerrando-lhes os dentes lhes quebra os brios com que puxavam a enserolada linha, ou cravavam os pinos no alteroso tacão.

Uma idéa, todavia, asserenava logo a alma de Manuel da Ventosa: o furacão paterno estava certo; mas devia ser passageiro. Elle não havia de pôr-se a ralhar nenhuns vinte annos. Era um dia ou dois: e aquellas louçainhas ficavam para toda a vida. E esta dilatava-se-lhe por horisontes tão illimitados! — O bom do rapaz ainda não dobrára o melancholico padrão dos trinta annos, donde só se começa a medir bem com os olhos o curto caminho de ferro entre o berço e a cova, pelo qual vai correndo esta especie de carruagem de vapor chamada existencia humana.

Aqui tem pois o leitor, que gostar da historia lardeada de todas as investigações, exhibições e minudencias gravissimas de que, ella se costuma temperar, com tanto juizo e talento, nesta nossa terra, as causas e items mais remotos e reconditos da difficilissima situação em que achamos Bartholomeu á vista da descommunal tafularia do filho e nora, cuja defeza tomára sem os conhecer como verdadeiro paladino, e que dava de todo o coração ao demo desde que vira assim arder sem remedio o seu remedio, como diriam o elegante auctor dos Cris-taes da Alma, ou os poetas da Phenix-renascida.

Banzou por alguns momentos o velho. A transição era demasiado violenta e rapida, e a revolução que se operava na sua alma vinha gravida de uma apoplexia. Indicavam-no as veias da fronte que en-

grossavam, a vermelhidão do rosto que ia tirando a róxo. Semelhante ao hesitar da grimpá no topo do campanario, quando em trovoadá eminente luctam dois ventos contrarios, Bartholomeu não sabia se repellisse as insolencias de Perpetua Rosa, que tivera a ousadia de chamar-lhe toirão, se descarregasse a colera que o asphyxiava sobre os dois barbaros dilapidadores da quasi sua fazenda; quasi sua, digo, porque o moleiro bem sabia que a azenha comprada com o dote de Bernardina era em rigor delles, e por consequencia delles o seu rendimento, que por paternal precaução se encarregára de administrar e poupar.

Mas a avareza, superior ao orgulho no animo do velho, fez desembestar para o lado dos noivos o vento da colera. Abandonando o arranhado e moído Gabriel, rompeu para os novos criminosos que assim de subito ousavam appresentar-se no seu inexoravel tribunal. Andando, as mãos contrahiam-se-lhe por espasmo nervoso como as garras aduncas do girifalte, e ao chegar ao pé delles lançou uma á gola da cazaca do Manuel e outra ao braço de Bernardina. Eram duas tenazes de ferro.

«Que patifaria é esta, só tratante? — disse, dirigindo-se ao filho em voz baixa, rouca, e de vez em quando apiopiada pela indignação que lha tolhia. — Você não sabe que o dinheiro custa a ganhar? Para que é essa trapagem toda? — Com que já a sua jaqueta azul tem bichos? E cá a grandessissima tola não podia passar sem sedas! Não se lembra do tempo em que andava de çapatás atraz das vaccas da Josefa Enguia? — Diga, senhora mosca morta? . . . Olha a sonsa que parece não quebra um prato! Anda-se um homem a matar para lhes fazer casa, e vocemecês, senhores badamecos, a botar o suor da gente pela porta fóra. E eu sem saber nada disto! Com trezentas carradas de diabos! — Pena tenho eu que essa mariolada os não pozesse n'um frangalho. Não tem vergonha de se fazerem alvo do povo, e de se arruinarem e arruinarem-me a mim, que toda a vida tenho labutado para viver com a minha cara descoberta? . . . Oh desalmado, — proseguiu depois de um instante de silencio — que contas me has-de tu dar do dinheiro que extravaganciaste, e que é preciso para me acabar de desempenhar da compra da azenha. . . ?»

Neste momento o discurso de Bartholomeu, que se ia encaminhando ao pathetico, foi interrompido por um rir esganiçado e tremulo, que lhe chiou ao pé dos ouvidos. Era o caso que Perpetua Rosa o seguira sem que elle reparasse em tal, e se puzera attentamente a escutá-lo. A ultima phrase que a boa da velha ouvira produzira nella tão subita alacridade.

«E ri-se você, sua atrevida?! exclamou o moleiro voltando-se para Perpetua Rosa. — É natural que fosse intrépece nesta alhada. . .»

«Pois vocecê nan quer qu'eu ria a arrebenatar ouvindo-lhe essas lérias da compra da azenha? — Callo-me eu, bem sei porque. Mas sempre lhe digo, que está paga e repaga. Meu dinheiro, teu dinheiro! . . . Entende-me, senhor Bertolameu? — Minha filha não veio descalça. . .»

«Oh diabo de bruxa!» — exclamou o moleiro fóra de si. — Dão-me inguinações de t'esganar! — Olha a piolhosa, a estraga albardas, que me deu cabo de seis saccas, as melhores que eu tinha, por desmazelada. . .»

«Já lh'o disse, seu mirra-mofina, seu manita de carneiro assado, seu sovina-mór! Não me faça falar. Olhe que eu não tenho papas na lingua. . .»

«Um estupor tivesses tu nella, que te pozesse a boca — an — á banda, aldrabista de centopeia, basculho de chaminé, carraça do inferno! — Falta agora que a senhora diga que a lesma da filha trouxe para o casal mundos e fundos.»

«Então como meche nessa borbulha — acudiu Perpetua Rosa agarrando o moleiro por uma das largas abas da veneranda casaca e sacudindo-o com força — é preciso que não faça da gente tola. — Assim o quiz, assim o tenha. Saibam vocecês — isto dizia-o voltando-se para cinco ou seis velhas que faziam roda e segredavam umas com outras. — Saibam vocecês que o senhor Bertolameu da Ventosa recebeu mais de cinco centos de mil réizes de dote...»

«Eu deito-me a perder com este diabo! — interrompeu o moleiro fazendo-se fulo, e soltando as mãos do braço de Bernardina e da gola do seu Manuel, para as lançar ao gasnate de Perpetua Rosa. — Oh lingua perversa! — Quaes quinhentos mil réis?!...»

«Os que meu amo tinha ajuntado grão a grão, como lá se diz, á custa do suor do seu rosto, com muito *gloria in excelsis* muito bem cantado, e muito enterro feito, e muitas bátegas d'agua nos ossos, e muito sermão prégado, e muito arranjo e poupança desta sua criada, senhor Bertolameu. Senhor Bertolameu, tenha perposito! — que quem não diz, não ouve; que lá resa o ditado: manha do açougue, e com vilão vilão e meio. Foram setenta caras: salvo seja! Vi-as contar com estes olhos, que hão-de comer a terra. E quem as arrecebeu? — Nanja eu. Assim compra-se muita coisa, e arrotam-se postas de pescada. Diz bem, senhora Perpetua Rosa; diz bem! Quem perdeu perdeu; mas não queiram metter os dedos pelos olhos á gente. Nunca vi creatura assim: t'arrenego!»

Este brilhante discurso, até certo ponto, e de baixo de certos aspectos quasi parlamentar, fez volver o catavento da raiva do moleiro para a oradora, que não era ninguem menos que a tia Jeronima, a qual abicára ao pé delle na albeta de Perpetua Rosa.

Bartholomeu andava-lhe já a cabeça á roda, e fugia-lhe o lume dos olhos. Largou os gorgomilos da sua estimavel consogra, e começou a menear os braços por tal geito que faziam lembrar as vellas do moinho da Ventosa. Os olhos sabiam-lhe das orbitas, e a escuma dos cantos da boca: quasi não podia fallar. Entretanto Perpetua Rosa, solta do fe-roz amplexo, exclamava:

«Pouca vergonha! pôr as mãos na cara d'uma mulher velha, este gaiato!»

A palavra gaiato, homens, rapazes, mulheres, que d'istante a instante augmentavam a roda, ninguem se pôde conter, pelo contraste monstruoso entre semelhante epitheto e o vulto de capitão hollandez, rhomboidal, vermelho, rugoso, quadrangular, irritado, do moleiro. Foi uma cachinnada, um palmear, um ah ah ah... ih ih ih... um assobiar de garotos, que fazia tremer as carnes. Debalde Bartholomeu tentava fazer ouvir as suas explicações: o estrepito opposicionista embaraçava a atrapalhada voz do ministro, que pretendia desemaranhar aquella inextricavel questão d'orçamento. — Ninguem se entendia: era completamente parlamentar.

Neste momento, á porta de um corredor que dava para a sacristia, appareceu de subito, já meio revestido, o padre prior. O motim do adro tinha ecchoado lá dentro. Á vista daquelle aspecto veneravel e venerado fez-se prompto e profundo silencio.

«Que estrupida é esta? — perguntou o velho parochico com aspecto carregado e voz severa. — É na visinhança da casa de Deus, na hora em que vão celebrar-se os divinos mysterios, que os meus honrados parochianos vem tecer disputas e travar-se de rasões neste lugar, em vez de guardarem a compostura e devoção com que devem preparar-se para o tremendo sacrificio do altar? Rixas e apupadas no dia do bemaventurado S. Pantaleão?! Não o soffro. Vamos, expliquem-me a causa de tal barulho. Que foi isto?»

«São estas descaradas... gritou Bartholomeu.

«Saiba Vossenhoria... acudiu ao mesmo tempo a tia Jeronima.

«É este insolente... interrompeu Perpetua Rosa.

«Não é nada, padre prior; não é nada, diziam conjuntamente o Manuel e a Bernardina, mais com a mão fazendo um gesto negativo, que com as palavras, enredadas inintelligivelmente com as do moleiro, da ama, e da lavadeira.

«Falle um! — gritou o prior. — Assim fico jejuando.»

«Foi... disseram todos ao mesmo tempo.

«Peior! — acudiu o parochico. — Cada um por sua vez. Vamos.»

«Saiba Vossenhoria... vociferou o moleiro; ganiu Perpetua Rosa, flautou a ama, murmurou o Manuel, pipitou Bernardina, clamaram os circumstantes.

«Visto isso, é impossivel saber de que se trata? — interrompeu de novo o prior. — Está bom... Não importa! Depois da festa averiguaremos o caso. Tudo para dentro já! Vá tomar o seu lugar, Bartholomeu. Estão os mezarios á espera, e você entretido aqui com estas toleironas?! Vamos. Nem mais uma palavra.»

E dizendo e fazendo, recolhia-se para a sacristia. No relógio de sol o gnomon estendia exactamente a sua sombra sobre o ponto d'intersecção marcado pelo X. As rebecas soltaram a sua chiadeira quasi harmonica, e o grupo desfazendo-se escoou-se pelo portal tricentrico, cujas pedras a broxa vandallica havia amarellado, e dentro de poucos instantes o adro ficou silencioso e deserto.

Os instrumentos tambem fizeram silencio passados alguns minutos, e sussurrou lá dentro uma voz humana causada e debil, que entoava com suave melopea:

«Introibo ad altare Dei.»

(Continuar-se-ha).

A. Herculano.

A GAZELLA MELAMPO.

(*Antilope melampus.*)

Na tribu em que se collocam as camurças e cabras montezes dos Alpes e Pyrenneus entram as numerosas especies de gazellas das regiões aridas da Africa. Porem em nenhuma parte desta grande divisão do globo se encontram em tanta abundancia, como na porção meridional que vem rematar no Cabo de Boa-Esperança. Seis são as castas principaes que todas mais ou menos se parecem na fórma externa, igualmente ageis e velozes na carreira, enxutas de carnes, vigorosas e nervudas, variando apenas no tamanho, e em pequenas circumstancias, como a figura da armação, que a todas poz na cabeça a natureza. Chama-se a toda a tribu, a das antilopes:

a representada na gravura é a que no Cabo denominam *Pallah*, distingue-se notavelmente pelo tal ornamento cornigero. apresentando o par de chavelhos uma semelhança da fôrma da lyra antiga, na convergencia reciproca; estes são fortes, pretos, estriados, e irregularmente annelados até dois terços d'altura, acabando em pontas lisas: o animal



que os sustenta tem pouco mais de seis palmos de comprimento, e quatro e meio d'altura; é côr de camurça com uma lista preta pelo lombo: a cauda é bastante curta, porem as orelhas distendidas: habita ordinariamente a Cafraria e os terrenos limítrophes da colonia do Cabo, vivendo nas planicies do deserto aos bandos de seis a oito individuos. Os colonos gostam muito da carne desta caça, e ainda mais os leões, que lhes dão boas saltadas.

DAS CAIXAS ECONOMICAS.

(Continuado de pag. 321.)

As caixas economicas são o primeiro e agigantado passo para a solução do problema que as leis ainda não tentaram resolver: as caixas economicas são o contraste do patibulo. Matam a perversão popular nas suas causas, em vez de a punir nos seus effeitos. Criam o futuro para milhares de individuos que nunca imaginaram te-lo, creando-lhes o goso da propriedade, e nelle um recurso para a hora de afflicção e escaseza, tão proxima, entre as almas vulgares, da hora do crime. O facto de não apparecer o nome de um unico depositante das caixas economicas nas listas dos sentencados em França e Inglaterra é a consequencia natural dos principios em que ellas se estribam.

A influencia moral desta instituição benefica vai ainda mais longe. Os vicios são depois da miseria a origem de frequentes attentados: o jogo e a embriaguez

estão por toda a parte mais ou menos nos habitos do povo: a embriaguez sobre tudo é para o maior numero de jornaleiros considerada como um refrigerio, como um prazer licito nos dias de repouso. Quem, todavia, ignora que estes dois vicios são quasi sempre a causa de rixas entre os operarios, de desordens domesticas, e de se agravar cada vez mais a miseria das classes laboriosas? As caixas economicas guerream, geralmente com vantagem, a propensão para as bebidas fermentadas e para o jogo. Inimigas da penalidade sanguinaria e feroz que ainda governa a Europa, não o são menos da taberna, que muitas vezes é a porta fatal por onde o homem de trabalho enceta o caminho, que não raramente o conduz ás galés, ao desterro e até á morte.

Mas, dir-se-ha, como podem as caixas economicas desarreigar vicios inveterados entre o povo? Como correrá elle a depositar no escriptorio da associação a pequena somma que destinou para a embriaguez ou para o jogo? A esta pergunta responde a experiencia dos paizes onde os depositos desta especie estão estabelecidos e generalizados ha certo numero d'annos. A principio a concorrência era diminuta e lenta, mas cresceu gradualmente, e vai tomando hoje um incremento que excede muito as esperanças dos amigos da humanidade.

Entre nós mesmos ha um triste exemplo de que o povo quando descobre ainda a mais duvidosa perspectiva de melhorar a sua condição, dá de barato o satisfazer os outros appetites para correr apoz essa incerta esperança. São as loterias o exemplo: é-o essa invenção em que se especula na cubiça e no desejo ardente que as classes menos abastadas teem de conquistarem seja como for uma fortuna independente. É de ver a ancia, — diriamos quasi o delirio, com que o vulgo concorre a lançar no cofre da loteria quantos reaes lhe sobram do que lhe cumpre gastar nas estrictas precisões da vida. Muitos ha que até cortam pelo necessario a si e á sua familia para o irem malbaratar neste sorvedouro do suor do pobre, nesta banca fatal em que se joga á luz do dia, e na praça publica, posto que haja a certeza de que a *totalidade dos que apontam, hão-de forçosamente perder*, circumstancia que caracteriza a instituição por um modo que não ousámos escrever aqui. Baste-nos constatar o facto: elle demonstra que apenas se rasga o negro horisonte do porvir; apenas lá reluz uma esperança, tenue, Improvavel até, como nas loterias, a de um premio avultado, o povo corre para essa esperança; porque tem o instincto das dolorosas consequencias da sua situação precaria, e busca esquivar-se a ellas.

É para tornar prolifico e moral este instincto que as caixas economicas se instituiram. Fazendo convergir para si as sobras escaças dos pouco abastados, as quaes aliás se desbaratariam em deleites ignobeis, ou o que vale quasi o mesmo na *roda da fortuna*, ellas não apresentam esses engódos embaidores, essas promessas mentirosas com que se desperta a cubiça popular: — não promettem mil por dez, com a condição de em cem casos noventa e nove vezes perderem-se os dez, e não se ganharem os mil. — Não! as caixas economicas offerecem unicamente um juro modico, mas constante, e a certeza de re-haver o depositante o seu capital, augmentado com o juro, no momento em que d'elle precise: offerecem uma cousa simples, clara, possivel: não promettem milagres, nem sequer maravilhas, porque o maravilhoso muitas vezes, e o mi-

lagroso sempre, nas cousas humanas, são a característica do charlatanismo.

Como os descobridores de thesouros encantados, como os alchimistas, como os estafadores de loterias, os que desenvolveram e applicaram o pensamento das caixas economicas calcularam tambem com a insaciabilidade da cubiça humana, com a avareza que póde estar dormente, mas que vive em todos os corações. O primeiro sentimento que deve levar o operario, o familiar, o caixeiro, o artista a ir entregar na caixa economica alguns crusados que forrou do producto do seu trabalho, será a idéa de que virão de futuro as occasiões da enfermidade, da falta de occupação, ou de outro qualquer contratempo, e a reflexão de que reservando as sobras d'hoje para as faltas d'amanhã, é, sem questão, mais judicioso accumula-las no mealheiro seguro e publico, onde não corre uma hora, um minuto, em que a somma reservada não produza seu lucro, e em que este lucro se não vá convertendo n'uma somma fixa e logo tambem productiva, do que guarda-las no mealheiro particular, que lhe póde ser roubado, e onde no momento da precisão só achará o que ahí houver mettido. Este é o sentimento immediato que suscita no povo a caixa economica, e, segundo a experiencia de todos os paizes, elle tem bastado para promover o extraordinario concurso de depositantes. Quando, porem, qualquer delles tivesse lá reunida uma certa somma, bastante a seu ver, para o salvar de qualquer apuro inesperado, é evidente que os costumes viciosos e desordenados vencidos pelo temor do futuro, e pela esperanza do remedio, tornariam a melhorar-se neste combate entre o bem e o mal, e que o homem de trabalho não tardaria a abandonar-se aos máus habitos, ao desleixo, e á dissipação, a qual não só absorveria dahi avante as suas sobras, mas iria muitas vezes destruir o resultado das economias passadas. Ha, porem, no coração humano a avareza; ha essa paixão que, ao contrario das outras, augmenta com a posse, radica-se com a idade, arde violenta ainda na penumbra fria do sepulchro. A instituição das caixas economicas contou com ella. Invenção, que toca as raias do sublime, é o aproveitar uma paixão má e ignobil para fazer o bem: tornar instrumento da moral e da civilisação a mais indomavel, a pessima entre as nossas propensões! Perigosa, destructiva, anti-social no rico, ella será util ao pobre, que, sem crimes, a póde alimentar onde existirem as caixas economicas. E é o que deve succeder, e succede: o jornalista, o creado, o artifice que insensivelmente se achou convertido em pequeno capitalista, e que vê engrossar com o correr do tempo os tostões em cruzados, os cruzados em moedas, começa a amar seu peculio, a fazer sacrificios para o augmentar: esta idéa fixa-se no seu espirito, e não tarda a vir o exame severo das superfluidades, e o cóрте de todas ellas. E fa-lo desaffogadamente, porque sabe que no dia ou no instante em que a excessiva economia o conduza a algum apuro lhe é licito ir levantar em todo ou em parte o juro ou o capital que possui: e se esta circumstancia se não der, tem a certeza de que, quanto mais depressa ajuntar uma somma de certo vulto, mais depressa realisará o sonho constante do grande numero dos homens sujeitos á precaria existencia dos salarios — uma situação independente. Este abrirá a loja de retalho, aquelle a officina de pequena industria: um irá plantar a vinha no outeiro escaldado, outro arro-

teará o chão baldio na planicie. Cada qual seguirá o caminho das suas inclinações, mas todos pensarão n'uma só cousa, — a independencia; a independencia que nasce da propriedade, e que é o mais fertil elemento da moral, da paz, e da prosperidade publica.

As considerações que temos feito são geraes: applicam-se a todos os paizes porque assentam sobre a natureza dos affectos humanos, e sobre circumstancias mais ou menos communs nas sociedades modernas. Se, porem, ha uma nação cujo estado, cuja indole social, cujas tendencias populares asseguram mais que nenbuma outra ás caixas economicas uma alta valia em melhorar a sorte das classes inferiores, a nossa é essa nação.

Em Inglaterra e em França as caixas economicas, apesar das suas grandissimas e innegaveis vantagens, tem appresentado alguns inconvenientes: tal é o de servirem ás especulações dos ricos, que na falta de emprego para os seus capitaes alli os vão depositar com o juro composto que ellas offerecem, sem risco, e sem despeza de administração. Este inconveniente foi removido em muitas partes pelo estabelecimento de maximos para as entradas, e para a totalidade do deposito de cada individuo. Mas nem esta providencia é geral, nem impede que a frequencia das entradas supra a modicidade dellas, e que dividindo uma grossa somma pelos differentes membros da sua familia e por diversas caixas o abastado venha a tornar productivo um capital unico e avultado por meio de uma instituição cujos fins não são por certo servir de banco aos capitalistas.

Entre nós não existe, e difficilmente existirá semelhante perigo. Portugal é um dos paizes da Europa, onde, graças á nossa antiga organização social e á natureza da nossa industria, as fortunas são por via de regra mediocres, a propriedade territorial mui dividida, e por consequencia os capitaes raros, os grandes capitaes rarissimos. Assim é que elles fallecem ás applicações e não as applicações a elles. Se a essa limitada força de capitaes que possuímos faltasse o minotauro que os devora quasi todos — a agiotagem — ainda restavam as exigencias da industria fabril e da grande cultura, ás quaes por muitos annos não bastarão os que existem, sem que receemos sirvam para perverter uma instituição destinada quasi exclusivamente ás classes laboriosas e menos abastadas.

Tem-se ponderado que a acção benefica das caixas economicas é impotente contra a miseria do maximo numero de obreiros, isto é, de quasi todos os que pertencem á grande industria fabril. Nos paizes onde as fabricas são ou o principal, ou pelo menos um dos principass ramos industriaes essa observação é uma terrivel verdade. O aperfeiçoamento das machinas, a concorrência dos productos nos mercados, a desproporção do fabrico ao consumo, tem feito descer os salarios a ponto que toda e qualquer economia é impossivel para o operario, que ganha só exactamente o preciso para não morrer de fome. Depois, nos grandes fócios da industria fabril, e principalmente nos da Grã-Bretanha a depravação dos costumes é tão profunda que ainda quando a economia não fóra materialmente impossivel selo-hia moralmente. Ahí, portanto, as caixas economicas, bem que não sejam inuteis, são sem duvida insufficientes para libertar o povo da miseria e de corrupção.

(Continúa.)

Bibliographia.

Os Mystérios de Paris = *O Judeu errante* = *Mathilde*.
Romances traduzidos.

O Sñr. Eugenio Sue, que tem adquirido reputação por muitas obras de litteratura amena, é o auctor destes tres romances, que hoje se traduzem em Portugal: tem muito talento, e tem ao mesmo tempo o habito inveterado de prometter muito no começo de seus livros. Quando compoz uma historia da marinha franceza, logo no prefacio prometteu correr o véu ás verdadeiras causas da guerra, que jaziam desconhecidas, e fazer palpaveis os motivos, mesquinhos na apparencia, mas que produziram estrondosos resultados. Ora lêde a historia da marinha pelo Sñr. Sue! — Nos *Mystérios de Paris* trata-se de muita cousa, mas parece que o intuito principal era resolver a grandissima questão dos publicistas, a applicação da pena capital; se a pena, que o auctor pertende substituir áquella, é ou não justa, é ou não insufficiente, decidam os legisladores. — Agora, o *Judeu errante* não sabemos onde irá bater; dizem que tende a mostrar os vexames que soffre a classe industrial, para em seguida apontar os convenientes remedios, e tratar cabalmente a gravissima questão da *organisação do trabalho*. Nas obras completas sabemos como se desembaraçou das difficuldades o auctor; teremos d'esperar algum tempo para ver o remate dessa que está publicando.

Muitos são os meritos do Sñr. Sue, como escriptor de novellas, e não faremos caso do epigramma de *escriptor oceanico* a respeito de seus romances maritimos, nem tão pouco da arguição de *pessimista* porque lhe apraz descrever o pessimo da sociedade moderna. Quanto a esta ultima censura diremos com um critico illustrado que no romance «*Mathilde*» teve o auctor a condescendencia de admittir alguns anjos para contraste dos demonios de luvas brancas e çapatos pulidos que figuram em seus escriptos. — O Sñr. Sue tem grande talento descriptivo, habilidade para sustentar os dialogos, conhecimento dos costumes populares, e veia comica como diziam os antigos. A seu respeito diz um escriptor, tambem conhecido, o Sñr. Gautier, o seguinte — «*Mr. Eugenio Sue, que poderia disputar a Mr. Balzac o titulo de «mais fecundo dos nossos romanistas», se moderasse um tanto a sua penna sempre a galope, poderia alcançar na litteratura logar ainda mais elevado que esse que hoje occupa. Não ganharia mais para com o vulgo, porque por esse lado devem estar saciados os seus desejos; mas obteria tambem o suffragio dos que não leem só por curiosidade, e a quem faz pena que os dons da imaginação e observação, que nunca trazem desar a Mr. Sue, não sejam engastados n'um estylo mais puro, mais trabalhado, emfim mais litterario. A um escriptor não é menos necessaria a approvação dos officiaes do seu officio que a do publico.*»

Quanto ás traducções: a dos *Mystérios de Paris* imprime-se no Porto, e já tem segundo volume; parece-nos corrente, porque leves descuidos não maculam um trabalho litterario; o traductor aproveitou bem a *giria* nas scenas vulgares, e sem o que se chama *affectação* prosegue fluentemente.

A versão do *Judeu errante* tem subido merecimento, e attesta-o o prologo do Sñr. A. F. de Castilho, mestre que em materia de linguagem muito respeitámos: diremos que a narrativa nos parece

sempre mui appropriada ao objecto descripto, ou ao caso referido; que sobre tudo no dialogo achámos muitissima naturalidade de expressões, e as louçanias do formoso idioma portuguez.

A versão de «*Mathilde*» está no primeiro volume, e é devida ao Sñr. Mendonça, que encetou a sua carreira de traductor pela feliz escolha do romance, grandemente moral, o *Atheu*; e que acaba de publicar com reflexões preliminares a *Bananeira*, obra de Frederico Soulié.

Dicto sentencioso do padre Antonio Vieira. — Dizia o padre Antonio Vieira, que toda a fortuna de um homem de cõrte consistia em saber adular, mentir, furtar, e repartir.

Elrei D. João 3.º — Molestando-se os ministros do Conselho da Fazenda com as muitas petições de rendeiros, que pediam quitas, assentaram que seria melhor darem-se as rendas a contratadores ricos, ainda que fosse por menos, para que no caso que perdessem, tivessem por onde pagar. E dando o barão d'Alvito veador da Fazenda parte deste assento a D. João 3.º, respondeu o rei: — arrendem-se as rendas como d'antes, porque se vós me tirardes o meu officio, que é de fazer mercês, e perdoar a quem eu quizer, que me fica a mim?

Mem Rodrigues de Vasconcellos. — Levantando D. João 1.º o sitio que tinha posto a Coria, observou aos que o cercavam que o fazia muito a seu pezar, e accrescentou: — Grande falta nos fizeram aqui os cavalleiros da taboa redonda; porque se elles aqui estivessem, não nos levantáramos por certo desta cidade sem a render. — Mem Rodrigues que com despeito ouvira estas palavras d'elrei, e que era do numero dos cavalleiros menoscabados pelas palavras severas e affrontosas do monarcha, respondeu cheio de nobre ousadia: — Não faltaram por certo, senhor, aqui esses cavalleiros; porque aqui está Martim Vasques da Cunha, que é tão bom, como dizem o foi D. Galas: Gonçalo Vasques Coutinho, que é tão bom como D. Tristão; João Fernandes Pacheco, que não deve nada a Lançarote; e aqui estou eu, que não mereço menos que qualquer delles. A verdade é, senhor, que só faltou aqui o bom rei Arthur, que os sabia estimar, e animar com mercês grandes.

Persuadido Affonso d'Aragão no principio do seu reinado por certo aulico, que visto ter tão poucos annos, escolhesse sete varões doutos, virtuosos, e desinteressados com quem se aconselhasse, porque só assim poderia governar com acerto, elrei respondeu: — Dá-me não digo eu sete, mas um sómente, que eu lhe largarei logo as redeas do reino, e do governo.

O grande segredo para entrar com vantagem n'um emprego eminente é o saber com tacto fino lançar mão do momento em que se possa exaltar a imaginação dos outros por uma acção de estrondo, por aquella que as circumstancias tornam plausivel, e especial.

Bemquerer e beufazer importa muito para bemviver.